

# A comunicação e suas interfaces

**Carlos Alberto Ávila Araújo**

Doutor em Ciências da Informação, pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Professor adjunto da UFMG.

## Resumo

O objetivo do texto é propor uma forma de classificação da pesquisa na área de Comunicação, a partir das disciplinas científicas com as quais a Comunicação faz interface. Para tanto, discute-se a natureza interdisciplinar da comunicação. A seguir, adota-se uma lista das disciplinas de interface. Por fim, aplica-se o sistema a um conjunto de 754 teses e dissertações. Os resultados obtidos apontam que 28,46% da pesquisa da área faz interface com Semiótica, vindo, a seguir, Filosofia (11,26%), Psicanálise (10,67%) e Semiologia (8,30%).

**Palavras-chave:** disciplinas de interface, interdisciplinaridade, pesquisa em comunicação

## Abstract

The goal of the text is to propose a classification of research in the area of communication based on the scientific disciplines with which Communication interfaces. For this, the text discusses the interdisciplinary nature of communication, and lists the scientific disciplines. Finally, the research applies the system to a set of 754 dissertations and teses. The results achieved demonstrate that 28.46% of research in the area interfaces with Semiotics, followed by 11.26% with Philosophy; 10.67% with Psychoanalysis; and 8.30% with Semiology.

**Keywords:** scientific disciplines of interface, interdisciplinary, research in communication

Muitas vezes são utilizados, para a organização do campo da comunicação, termos que designam outras ciências ou disciplinas. Diversos periódicos científicos da área possuem denominações que indicam, exatamente, esse movimento de interface que a comunicação faz com outras ciências ou disciplinas – tais como “Comunicação e educação”, “Comunicação e informação”, “Comunicação e política”, “Comunicação e sociedade”. Também é constante a presença de expressões que designam outros campos disciplinares, além de termos

que nomeiam grupos de trabalho das associações científicas da área (Intercom, Compós etc.) ou as linhas de pesquisa ou áreas de concentração dos programas de pós-graduação.

O presente texto, inserido no âmbito de uma pesquisa mais ampla que teve como objetivo a construção de um sistema de classificação para a área de Comunicação, tem por objetivo problematizar a natureza das interfaces promovidas pela área de comunicação com outras

disciplinas. Isso porque, na pesquisa mais ampla, foram seguidas diversas etapas, e foi proposta uma forma de divisão da área de Comunicação, a partir de seis critérios. Um desses critérios consiste exatamente nas ciências e disciplinas de interface, isto é, consiste numa proposta de divisão do campo da Comunicação, a partir das disciplinas com as quais esse campo dialoga. Após problematizar a questão, apresenta-se a aplicação desse critério a um conjunto de 754 teses e dissertações da área de Comunicação.

Três exemplos são particularmente relevantes. José Marques de Melo, em um de seus primeiros livros e ainda num esforço inicial de sistematização do campo, buscou responder o que é comunicação. Para tanto, apresentou diversos conceitos tomados de diferentes disciplinas. Disso resulta o conceito etimológico de comunicação e, também, os conceitos biológico, pedagógico, histórico, sociológico, antropológico e psicológico de comunicação. A seguir, apresenta os conceitos filosóficos de comunicação para, enfim, apresentar o seu próprio conceito, denominado estrutural (MELO, 1971, p. 14).

Outro exemplo é o livro de Adísia Sá (1973). Buscando suprir a falta de bibliografia para alunos do curso de Comunicação, a autora organizou um conjunto de textos, de autoria de pesquisadores de diferentes áreas. O resultado são vários capítulos que apresentam tipos de fundamentos da comunicação: biológicos, antropológicos, psicológicos, sociológicos, lingüísticos e filosóficos.

O terceiro exemplo diz respeito à formação da primeira associação científica duradoura do campo, a Intercom. Criada em 1977 e constatando a ausência, ainda, de uma área própria de Comunicação, a entidade acabou por denominar-se “Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação”. Diversos outros exemplos poderiam ser citados aqui, mas apenas serviriam para repetir uma idéia que já pode ser constatada: a de que o movimento da Comunicação em direção a outras disciplinas foi fundamental na formação do campo.

O estabelecimento de diálogos entre a Comunicação e outras disciplinas científicas e a importância desse processo na caracterização da Comunicação é avaliada como fundamental pelos vários autores que analisam a questão:

Tomando por referência os processos de institucionalização e de disciplinarização na história das Ciências Sociais, pretendemos fundamentar a hipótese segundo a qual a institucionalização do campo acadêmico da Comunicação no Brasil

avança sob o signo da transdisciplinaridade [...] O que se nota é um movimento de convergência de saberes especializados sobre a comunicação, entendido mais como movimento de intersecção que não é, em hipótese alguma, uma amálgama ou síntese de saberes. É, antes, um produto das relações entre o objeto de estudo, a especificidade das contribuições analíticas e a particularidade da evolução histórica entre ambos. São os percursos disciplinares já trilhados nas tradições de estudo da comunicação que autorizam a conceber o estudioso da Comunicação como especialista de intersecções (LOPES, 2000, p. 41 e 47).

Essa convergência de saberes também é identificada por outros autores, para quem a comunicação “não é um *corpus* teórico organizado, mas uma aglomeração heterogênea de idéias, conceitos, teorias e sistemas tomados a áreas às vezes tão distantes quanto a teoria da matemática da informação e as filosofias existenciais” (KATZ; DORIA & LIMA, 1971, p. 7). E está presente num recente diagnóstico da área:

O que ocorre hoje é que a própria área de Comunicação, dada a sua complexidade e abrangência, busca a interdisciplinaridade nas suas inter-relações. Os exemplos mais evidentes são os ciclos de estudos interdisciplinares da comunicação nos congressos anuais da Intercom, os Grupos de Trabalho (GTs) da Intercom e da Compós – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, bem como as diversas linhas de pesquisa dos cursos brasileiros de pós-graduação em Comunicação (KUNSCH, 2000, p. 202).

Contudo, como argumentou Figueiredo (1990, p. 82), essa é uma característica marcante das Ciências Sociais em geral, que “usam muito fontes de outras disciplinas”, já que “elas estudam o mesmo objeto de diferentes pontos de vista”. Para a autora, não há fronteiras rígidas entre as Ciências Sociais.

Há, na área, alguns autores que definem a Comunicação como uma ciência interdisciplinar. Braga argumentou ser pouco produtivo definir a área dessa forma, por três razões. Primeiro, porque, se todo campo se vê atravessado por dados, conhecimentos, problemas e abordagens desenvolvidos em outras disciplinas, todos os campos são interdisciplinares – definir uma área como

interdisciplinar seria “óbvio e redundante” (BRAGA, 2001, p. 12). Segundo, porque, ao se usar o termo para definir um espaço nítido de interfaces, torna-se “bastante difícil de se capturar **enquanto características constituintes básicas do campo da Comunicação**” essas interfaces (*Ibidem*, p. 13). E, terceiro, porque muitas vezes se faz isso, evocando a idéia de ser a comunicação um vácuo, um terreno vazio sobre o qual outras ciências comparecem para responder a questões. Em outro trabalho no mesmo livro, o autor argumentou:

Deve-se reconhecer o fato de que se trata de um campo em constituição; e que, no seu desenvolvimento de perspectivas sobre variadíssimos objetos e situações humanas, este campo faz interface com praticamente todas as áreas estabelecidas no vasto espaço de criação e de conhecimento humano e social. Assim, seria possível reconhecer uma infundável série de “espaços” mais ou menos delineáveis para estas interfaces – que poderiam ser caracterizadas pela agregação da Comunicação com outras áreas através da conjunção “e” – “Comunicação e... [área de interface] (LOPES; BRAGA & SAMAIN, 2001, p. 101).

Uma visão semelhante é a de França, para quem “os problemas vividos pela área da comunicação são explicados – mas também por vezes camuflados – pelo debate sobre sua natureza interdisciplinar” (FRANÇA, 2002, p. 17). De acordo com a autora, é indiscutível o fato de a Comunicação ter se originado de forma interdisciplinar, suscitando o olhar e se tornando objeto de várias disciplinas. Contudo, ao longo do tempo, foi sendo construído um determinado “estoque” de estudos e, ao mesmo tempo, uma especificidade de olhar, que marcaram a formação de uma disciplina ou um campo autônomo, ainda que não tenha deixado de realizar diálogos com outras disciplinas. Tal fato é visto como um fator positivo:

É absolutamente saudável e enriquecedora a abertura assumida e mantida ainda hoje por nós, pesquisadores da comunicação, para buscar e assimilar as contribuições advindas das várias áreas de conhecimento – Filosofia, Sociologia, Psicologia, Linguística, Semiótica, Antropologia, Educação, Ciências da Informação e até de campos mais distantes, como a Física ou a Biologia. O fato de que nossa área não se feche, mas esteja atenta e busque incorporar as diferentes reflexões que pontuam o pensamento

atual é fonte de permanente vitalidade (FRANÇA, 2002, p. 22).

Concordando com os argumentos dos dois autores, pode-se considerar que a presença de termos que designam ciências externas à Comunicação como relevantes para a organização dos conhecimentos do campo não significa conceber o campo como um terreno vazio nem como uma “ciência interdisciplinar”. Por isso se considerou como pertinente a criação de categorias representando as várias ciências e disciplinas com as quais a Comunicação faz interface.

### *Listagem das disciplinas e ciências*

Uma questão que surge logo a seguir é a da definição dessas ciências ou disciplinas. Vários poderiam ser os critérios para se chegar a uma listagem de termos, inclusive a presença de termos utilizados como descritores ou palavras-chave na produção científica da área. Num primeiro momento, aliás, foi realizado esse trabalho, de analisar um conjunto de documentos da área, que levou a uma lista de 25 disciplinas.

Optou-se, contudo, pela utilização da Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq, por ser uma classificação canônica das áreas, servir como uma referência comum para toda a atividade científica do Brasil, e garantir a propriedade de exaustividade e irreduzibilidade dos termos utilizados.

A referida tabela possui nove classes gerais, denominadas “grandes áreas”. São elas: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes, e outros.

Comparando a lista de áreas com as várias ciências e disciplinas encontradas normalmente em trabalhos da área de Comunicação, percebe-se que elas são insuficientes para discriminar com a devida precisão as interfaces da área. Ao mesmo tempo, utilizar todas áreas da tabela levaria a uma listagem com 99 termos (oito áreas da primeira grande área, 13 da segunda, 13 da terceira, nove da quarta, sete da quinta, 13 da sexta, dez da sétima, três da oitava e 23 da nona).

Para solucionar esse problema, foram desmembradas em áreas apenas as três grandes áreas com as quais a Comunicação realiza o maior número de interfaces: Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes.

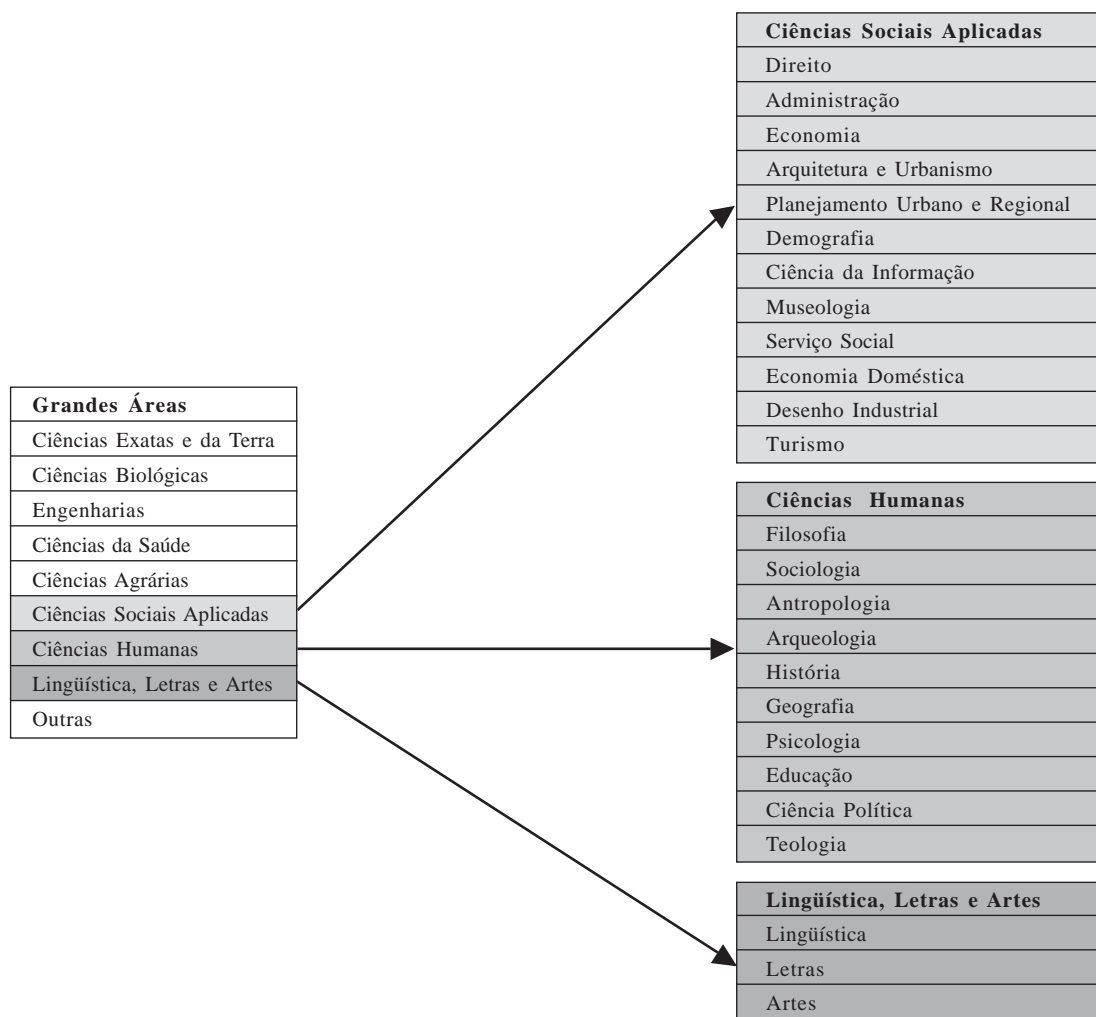
Assim, foram consideradas também como disciplinas de interface, dentro da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, as seguintes: Direito, Administração, Economia, Arquitetura e Urbanismo, Planejamento Urbano e Regional, Demografia, Ciência da Informação, Museologia, Serviço Social, Economia Doméstica, Desenho Industrial e Turismo. Dentro da grande área de Ciências Humanas, as áreas Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia, Educação, Ciência Política e Teologia. E, dentro da última grande área selecionada, as áreas de Linguística, Letras e Artes.

A listagem das áreas de conhecimento que serão utilizadas como termos para a divisão da área de Comunicação é apresentada a seguir, na Tabela 1.

Contudo, um retorno aos 25 termos encontrados na análise preliminar de um conjunto da produção científica da área de Comunicação mostrou que algumas disciplinas ou ciências muito relevantes não estão na Tabela do CNPq.

Este é o caso de Semiótica, Psicanálise e Semiologia. Para poder contemplá-las e dar mais precisão ao sistema, foram inseridas estas três disciplinas para o mapeamento da área. Demais ciências ou disciplinas que surgiram e não estavam previstas foram contabilizadas sob o termo geral ao qual pertencem (por exemplo: Ética ou Epistemologia, dentro de Filosofia; Matemática ou Ciência da Computação, dentro de Ciências Exatas e da Terra; Medicina ou Enfermagem, dentro de Ciências da Saúde; Decoração ou Diplomacia dentro de “Outros”). Com essas decisões, foram definidos 34 termos relativos às disciplinas com as quais a Comunicação faz interface – seis relativos às grandes áreas que não foram desmembradas, 12 relativos à grande área de Ciências Sociais Aplicadas (a área de Comunicação foi, obviamente, excluída), dez relativos à grande área de Ciências Humanas, três relativos à grande área de Linguística, Letras e Artes, e mais três acrescentados pela sua relevância identificada na análise de um conjunto de documentos da área.

**Tabela 1:** Áreas do conhecimento da Tabela do CNPq utilizadas para classificação da área de Comunicação





### *Frequência de outras disciplinas na área de Comunicação*

Uma vez terminada a construção do sistema de classificação como um todo (incluindo outras cinco divisões da área de Comunicação, além das disciplinas de interface, mas que, no caso deste artigo, não serão trabalhadas), e como forma de testar suas possibilidades e seus limites para a quantificação temática da pesquisa em Comunicação, procede-se, a seguir, a uma aplicação do sistema a um conjunto de documentos.

O conjunto selecionado são as teses e dissertações em Comunicação, defendidas no Brasil entre 1992 e 1996, perfazendo um total de 754 documentos. Essa escolha justifica-se: utilizando esse *corpus*, o resultado pôde ser comparado com as análises efetivadas por Stumpf & Capparelli (2000) e, também, por Peruzzo (2002), pois os dois trabalhos utilizaram o mesmo conjunto de teses e dissertações em seus respectivos mapeamentos temáticos da área.

A análise das teses e dissertações foi feita em três etapas. Uma primeira análise se deu apenas com a leitura dos resumos, enquanto a construção do sistema ainda estava sendo terminada. Uma segunda análise foi realizada depois, consultando diretamente as teses e dissertações, nas bibliotecas das instituições de ensino superior que abrigam os programas de pós-graduação. Por fim, após o término da construção do sistema, procedeu-se à nova análise para conferência das anotações realizadas nas duas primeiras análises e classificação definitiva das teses e dissertações para contagem no sistema.

Neste artigo, são apresentados os resultados da aplicação do sistema junto às teses e dissertações apenas em relação à divisão quanto às disciplinas de interface. Da mesma forma, neste artigo, dados os limites necessários, são apresentadas apenas as frequências de cada termo – no trabalho completo realizado, foram analisadas, ainda, a influência de três variáveis nos resultados (o ano de defesa da tese ou dissertação, o nível acadêmico – se dissertação de mestrado ou de doutorado – e o programa de pós-graduação em que a tese ou dissertação foi defendida), bem como foram discutidos os resultados, comparando-os com as classificações de Stumpf & Capparelli e de Peruzzo, buscando problematizar os aspectos envolvidos nas tentativas de mapeamento temático da pesquisa em Comunicação no Brasil.

Enfim, analisando-se as 754 teses e dissertações, buscando identificar, nelas, qual a disciplina de interface, che-

gou-se ao seguinte resultado, apresentado na Tabela 2 a seguir.

As três disciplinas que foram acrescentadas posteriormente às áreas definidas pelo CNPq alcançaram o primeiro, terceiro e quarto lugares. A maior frequência é de Semiótica que, sozinha, obteve 28,46%, representando mais de um quarto do total de interfaces que a Comunicação faz com outras disciplinas. As outras duas disciplinas acrescentadas às da tabela do CNPq são Psicanálise, terceira maior frequência, com 10,67%, e Semiologia, quarta maior frequência, com 8,30%. Juntas, essas três disciplinas representam 47,43% do total de ocorrências de interfaces.

Entre as disciplinas listadas na Tabela de Áreas do Conhecimento do CNPq, a que atinge maior frequência é Filosofia, com 11,26%, ocupando o segundo lugar geral. Logo depois, estão Letras (7,31%), Artes (6,72%) e Linguística (5,14%).

Agrupando-se as disciplinas, percebe-se, em primeiro lugar, o já citado destaque para as três disciplinas acrescentadas posteriormente que, juntas, respondem por quase a metade das ocorrências (47,43%). Logo a seguir, vem a grande classe de número 7, denominada “Ciências Humanas”, com 22,53% e, próximo a ela, as três disciplinas que compõem a grande área de número 8, denominada “Linguística, Letras e Artes”, com 19,17%. A soma das frequências de todas as grandes áreas que não foram desmembradas para a constituição dos termos (Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias e Outros, perfazendo seis grandes áreas na tabela do CNPq) chegou a 5,53%, impulsionada, principalmente, pela ocorrência de Matemática e Computação entre as disciplinas de interface. Curiosamente, a soma das disciplinas da grande área de “Ciências Sociais Aplicadas”, à qual pertence a Comunicação, obteve a menor frequência: apenas 5,34%.

A grande quantidade de disciplinas listadas resultou, em muitas delas, sem ocorrência: foram 12 no total. A metade delas (seis) representa áreas do conhecimento pertencentes à grande classe “Ciências Sociais Aplicadas”. Esse resultado confirma os dados apresentados no parágrafo anterior, de que a área de Comunicação dialoga muito mais com as grandes áreas de “Linguística, Letras e Artes” e “Ciências Humanas” do que com as outras ciências que, como ela, estão incluídas na grande classe “Ciências Sociais Aplicadas”.

**Tabela 2:** Somatório e percentual das disciplinas de interface encontradas

Focos da faceta 5	N	%	Focos da faceta 5	N	%
Semiótica	72	28,46	Outros	1	0,39
Filosofia	28,5	11,26	Teologia	1	0,39
Psicanálise	27	10,67	Arquitetura e Urbanismo	0,5	0,20
Semiologia	21	8,30	Museologia	0,5	0,20
Letras	18,5	7,31	Arqueologia	0	0
Artes	17	6,72	Ciência Política	0	0
Linguística	13	5,14	Ciências Agrárias	0	0
Ciências Exatas e da Terra	9	3,56	Demografia	0	0
História	9	3,56	Desenho Industrial	0	0
Antropologia	8	3,16	Direito	0	0
Ciência da Informação	6,5	2,57	Economia Doméstica	0	0
Administração	5	1,98	Engenharias	0	0
Psicologia	4,5	1,78	Geografia	0	0
Educação	3	1,19	Planejamento Urbano e Regional	0	0
Sociologia	3	1,19	Serviço Social	0	0
Ciências da Saúde	2,5	0,99	Turismo	0	0
Ciências Biológicas	1,5	0,59			
Economia	1	0,39	<b>Total</b>	<b>253</b>	<b>100</b>

Uma última observação deve ser considerada a respeito de “Sociologia”, que acabou apresentando uma ocorrência muito baixa, de apenas 1,19%, (três teses e dissertações). Contudo, muitas vezes são utilizados conceitos, teorias e autores da Sociologia, mas a tese ou dissertação não registra esse movimento como uma interface, considerando-os como pertencentes ao campo da Comunicação. Embora isso tenha acontecido também em relação a outras áreas do conhecimento, foi em relação especificamente à Sociologia que a incidência foi considerável, interferindo nos resultados encontrados.

Também devem ser ressaltados casos em que são tratados temas pertinentes a outras ciências, mas em que não há uma interface com elas enquanto disciplinas científicas. Esse é o caso principalmente de Educação e Política: há muitos estudos que lidam com temas pertencentes a estas áreas, mas não utilizam teorias ou conceitos delas. Quando foi o caso, foram consideradas apenas como os assuntos das mensagens dos fenômenos comunicativos estudados, ficando sua ocorrência na presente listagem apenas nos poucos casos (apenas três em Educação e nenhum em Ciência Política) em que houve uma interface com elas enquanto disciplinas científicas.

Um último caso singular é o da área de História. Frequentemente, ocorrem estudos da história de algo (de uma empresa de comunicação, de um meio, de um processo), mas são muito poucos (apenas 3,56% dos

casos) em que há uma apropriação de conceitos ou da teoria da área de História.

#### *Apontamentos finais*

Stumpf & Capparelli, comentando os resultados de uma contagem semelhante de frequências desta primeira bibliografia, constataram que:

Verificou-se, assim, que aqueles temas que criam interfaces com a Comunicação, como Semiótica, Literatura, Arte e Educação, aparecem com prioridade. Conforme tivemos oportunidade de afirmar em trabalho anterior, “[...] já se esperava que o campo da Comunicação iria exibir uma profusão de enfoques, de perspectivas teóricas e de objetos de estudo também na produção científica do corpo discente.” (CAPPARELLI & STUMPF, 1998, p. 129), porém não esperávamos que esta multidisciplinaridade suplantasse os temas tradicionais da Comunicação, como Jornalismo, Televisão, Telenovela etc. (STUMPF & CAPPARELLI, 2000, p. 247).

Tal fato também aponta para uma composição interdisciplinar do campo. Sobre a “natureza interdisciplinar” do campo, comentou Braga:

O conceito de interdisciplinaridade pode significar duas coisas, acredito: a primeira corresponde à percepção de que um campo de estudos hoje se vê inevitavelmente atravessado por dados, conhecimentos, problemas e abordagens concebidos e desenvolvidos em outras disciplinas e/ou tecnologias. Nesse caso, todos os campos de conhecimento são “interdisciplinares”, ou seja, não têm existência isolada, estanque [...] Um segundo sentido é o da referência a um espaço nítido de interface, em que um determinado âmbito de conhecimento se faz na confluência de duas ou mais disciplinas estabelecidas – por exemplo, a Psicossociologia, a Sociologia Jurídica, a Bioquímica [...] Entretanto, parece-nos que é em um terceiro sentido (vago e pouco refletido) que a expressão é freqüentemente usada em sua “explicação” do que seja o campo da Comunicação. É como se este fosse uma espécie de terreno vazio, sem outra existência

senão pelo fato de que todas as disciplinas humanas e sociais tivessem alguma coisa a dizer sobre o tema (BRAGA, 2001, p. 12-13).

Na visão do autor, pois, a existência de uma série de interfaces com outras áreas do conhecimento não significa um esvaziamento do campo da Comunicação, mas apenas que o movimento da área, enquanto campo de pesquisa, tem sido mais relevante no sentido de estabelecer interfaces do que de voltar-se para seus elementos e conceitos internos.

Na análise realizada, percebeu-se que considerar as disciplinas de interface pode ser uma boa forma – naturalmente, conjugada com outras – de se mapear o campo da Comunicação. O que permite concluir, portanto, que é possível se ter como um critério relevante para a organização temática do campo da Comunicação justamente termos externos a esse campo: no caso, outras ciências e disciplinas com as quais o campo realiza movimentos de interface.

## Referências

BRAGA, José Luiz. “Constituição do campo da Comunicação”. In: FAUSTO NETO, Antônio; PRADO, José Luiz & PORTO, Sérgio. (orgs.). *Campo da Comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001. p. 11-39.

FIGUEIREDO, Nice. *Metodologias para a promoção do uso da informação: técnicas aplicadas especialmente em bibliotecas universitárias e especializadas*. São Paulo: Nobel, 1990.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. “Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?”. In: MOTTA, Luiz Gonzaga et al. (orgs.). *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Ed. da UnB, 2002. p. 13-29.

KATZ, Chaim; DORIA, Francisco & LIMA, Luiz Costa. *Dicionário crítico de Comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. “A interdisciplinaridade nos estudos e no ensino de Comunicação: aspectos da realidade brasileira”. In: LOPES, M.I.; FRAU-MEIGS, D.; SANTOS, M.S.T. (orgs.). *Comunicação e informação: identidades e fronteiras*. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2000. p. 195-205.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. “O campo da Comunicação: institucionalização e transdiscipli-

narização”. In: LOPES, M.I.; FRAU-MEIGS, D.; SANTOS, M.S.T. (orgs.). *Comunicação e informação: identidades e fronteiras*. São Paulo: Intercom; Recife: Bagaço, 2000. p. 41-56.

LOPES, M.I.; BRAGA, J.L. & SAMAIN, E. “Proposta de atualização da categorização do campo da Comunicação em subáreas”. In: FAUSTO NETO, Antônio; PRADO, José Luiz & PORTO, Sérgio. *Campo da Comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001. p. 91-108.

MELO, José Marques de. *Comunicação social: teoria e pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1971.

PERUZZO, Cicilia. “Em busca dos objetos de pesquisa em Comunicação no Brasil”. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione & HOHLFELDT, Antonio. *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SÁ, Adísia (org.). *Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

STUMPF, Ida & CAPPARELLI, Sérgio. “Produção discente dos programas de pós-graduação em Comunicação (1992-1996)”. *Revista de Biblioteconomia e Comunicação*. Porto Alegre, v. 8, 2000. p. 241-250.